

A BIBLIOTECA PÚBLICA: UM ESPELHO DA SOCIEDADE *

P. J. Th. SCHOOTS

Estou consciente de que esta comunicação foi escrita em Roterdão, na Holanda.

Estou consciente de que Portugal é um país diferente, com uma cultura diferente. Mesmo assim acho que será bom dar-vos a conhecer o que se pensa sobre estas coisas no meu país. Será um prazer saber em que pontos os nossos dois mundos se encontram e em que diferem. Esse é, afinal, um dos aspectos mais interessantes deste nosso contacto.

A importância do conhecimento para o desenvolvimento do homem tem sido por demais enaltecida. O conhecimento abre as portas que conduzem o homem ao poder e à riqueza. Permite-lhe explorar o seu meio e controlá-lo. Além disso, adquirir e aplicar o conhecimento é muitas vezes fonte de prazer, sobretudo quando isso resulta do nosso próprio interesse e curiosidade.

* Texto da comunicação apresentada ao 4.º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, que decorreu em Braga de 4 a 6 de Março de 1992.

A Biblioteca Pública de Braga, na sequência de uma sugestão do Instituto Português do Livro e da Leitura, decidiu publicá-lo na "Forum", dado tratar-se de uma reflexão que, com o título "The Public Library: a mirror of society", foi muito pertinente sobre o papel e objectivos das bibliotecas públicas na actualidade.

Tradução de Maria Helena Ribeiro Laranjeiro da Cunha.

Desde tempos imemoriais, a sabedoria ocupou um lugar a par do conhecimento. Não no sentido de um sistema de aprendizagem, como uma filosofia, mas como uma forma de conhecimento que ultrapassa os interesses pessoais e que o homem não pode possuir embora viva com esse objectivo. A base dessa sabedoria é o auto-conhecimento. Tal como está escrito no templo grego de Delfos "gnothi seauton", "conhece-te a ti mesmo".

Mas de que modo consegue o homem conhecer-se a si mesmo? Haverá escolas apropriadas, universidades ou talvez bibliotecas? A resposta é tão simples como isto: o homem é o seu próprio meio de auto-conhecimento. Só ele entre todos os seres vivos pode compreender-se a si próprio. Mas como sabe o homem quem e o que é? Aprende isso, sobretudo, de forma indirecta, pela imagem. O meio mais simples é olhar para um espelho. A nossa aparência exterior é reflectida implacavelmente no espelho. Damos grande valor a essa imagem pois, quando não está a nosso gosto, escondemos algumas rugas com um pouco de creme ou endireitamos a gravata. É óbvio que, além da do espelho, há uma outra imagem. Uma imagem mais idealizada, que indica como gostaríamos de ser vistos pelos outros. Isto leva-nos a uma segunda possibilidade de adquirir o auto-conhecimento: o interrelacionamento, o espelho que os outros põem diante de nós. Através desse espelho chegamos ao conhecimento dos nossos traços psicológicos. Um provérbio antigo diz que vemos nos outros aquilo que também está dentro de nós. Há assim dois espelhos: um para a aparência exterior e outro para o eu interior. Notável é que nós somos as únicas pessoas que não podemos fisicamente fixar os nossos próprios olhos, enquanto por outro lado somos os únicos a saber o que se passa dentro de nós. Os espelhos são só uma ajuda, mas na ausência de outros meios são muitas vezes bastante importantes. Como todos sabem, não fazem mais do que reflectir: dão-nos uma imagem da realidade.

Esta comunicação intitula-se "A biblioteca pública: um espelho da sociedade". Título que por si só pode ser tão confuso como uma imagem de espelho, mas dá-me a oportunidade de abordar o tema pelo menos de três modos diferentes.

1. O espelho das ideias

As colecções de uma biblioteca reflectem o potencial humano em termos de pensamentos, ideias, sentimentos e conhecimento através dos tempos.

2. O espelho das pessoas

Os utilizadores da biblioteca reflectem a sociedade actual com os seus prazeres, problemas e idiosincrasias.

3. O espelho dos profissionais de biblioteca

Os trabalhadores da biblioteca reflectem também a sociedade actual no seu trabalho, nos seus medos e orgulhos, no modo como desempenham a sua profissão.

1. Em primeiro lugar atentemos no ponto de vista que também é expresso no Manifesto da Unesco sobre as Bibliotecas Públicas. Mais recentemente, as bibliotecas públicas holandesas publicaram uma versão moderna adaptada à sua realidade. Esta carta destinada às bibliotecas públicas afirma no seu preâmbulo: "Na definição dos seus objectivos ideais, a biblioteca pública atribui aos seres humanos individuais uma posição central, e deixa-se guiar pelas ideias de igualdade, liberdade e educação universal. Ao tornar os frutos do conhecimento e da cultura acessíveis a todos, contribui para um funcionamento democrático da sociedade e auxilia o homem em todas as fases da sua vida. Deste modo as bibliotecas públicas são um espelho do potencial humano".

É da responsabilidade da biblioteca pública constituir colecções, preservá-las e torná-las acessíveis. Não importa o que as componha, livros, brochuras, folhetos, jornais, revistas, volumes de poesia, peças de teatro, partituras, cassetes vídeo, discos compactos, cassetes audio ou colecções de diapositivos, todos estes materiais podem ser encontrados na biblioteca. São a expressão do que os homens, por vezes em tempos remotos, pensaram, sentiram, souberam ou experimentaram. Deram-lhe voz ao passá-los à escrita ou ao registá-los por outros processos.

Vendo bem as coisas, os mesmos temas surgem repetidamente: o homem tenta definir a sua atitude em relação à natureza que o rodeia, em relação à doença, ao amor, à morte, aos outros homens, aos conflitos. Que soluções foram encontradas ao longo dos anos?

Vagueando pela biblioteca central de Roterdão ou deixando-nos levar pelas escadas rolantes de um andar para o outro, não conseguimos deixar de nos sentir impressionados pela quantidade de saber e cultura que o homem produziu através dos tempos. E sublinho as palavras "através dos tempos" porque a nossa biblioteca data de 1604 e contém muitas obras raras e preciosas, como por exemplo a colecção de Erasmo, ainda em crescimento. Temos centenas de milhar de livros anteriores a este século. Assim, manter e preservar as colecções será um tema chave para discussão nos anos vindouros e confrontar-nos-á com algumas questões difíceis. A selecção que agora fazemos, com base nos nossos actuais valores e padrões, irá reflectir-se nas colecções, também para as gerações futuras. As colecções que temos são de importância essencial para a nossa existência como bibliotecas, tanto agora como no futuro. Por essa razão eu levo a sério a advertência: "aquele que negligencia as colecções cava a sepultura da sua biblioteca".

Se nós, profissionais de biblioteca, com objectivos excelentes e ideais, queremos realmente tirar partido do nosso trabalho, temos de começar a procurar materiais e informação que não estão facilmente disponíveis nos canais habituais. O valor acrescentado que a biblioteca tem para oferecer está precisamente no facto de serem igualmente consideradas não só as principais correntes do pensamento mas também as numerosas tendências. De outro modo, o resultado será, não um reflexo, mas uma caricatura. O mais importante é que muitos produtos do saber e da cultura têm através dos tempos apresentado

uma imagem diferenciada e variada e é exactamente esta variedade que ajuda a que cada um forme a sua própria opinião e contribua para a educação universal. Na biblioteca da cidade de Roterdão tentamos realmente ser um centro de informação, para os 570.000 habitantes da própria cidade mas também para pessoas fora dos seus limites. Temos muito para oferecer: a colecção completa ronda os 1,8 milhões de exemplares, 3% dos quais são meios audiovisuais. De um orçamento de 17 milhões de dólares, gastamos cerca de 2,5 milhões em documentos em *media*. E tencionamos continuar assim.

Poderemos dizer que estes 1,8 milhões de documentos constituem realmente um reflexo do potencial humano? Penso que sim, no entanto tenho ainda algumas observações adicionais. Em primeiro lugar, uma biblioteca não pode, nem mesmo numa cidade como Roterdão, conter tudo o que desde sempre foi publicado ou impresso. Por isso faz-se sempre uma selecção. O modo como um bibliotecário selecciona está, ainda nos nossos dias, rodeado de mistério. Penso que faria muito bem à nossa legitimidade social sermos mais abertos neste ponto. A nossa é, afinal, uma profissão respeitável que está suficientemente amadurecida para nos fazer exigências e as encararmos com honestidade.

Problemas muito discutidos como o caso Rushdie fazem momentaneamente abalar os nossos princípios, mas depois tudo volta à rotina. Não posso deixar de sentir, de vez em quando, que o nome de um editor bem conhecido é à partida suficiente para se encomendar um livro. Se as bibliotecas quiserem ser campeãs do pluralismo, terão de estar atentas ao menos conhecido, ao ainda não descoberto. A concentração de jornais, órgãos de comunicação social e editores representam uma ameaça de monopolização da informação que as bibliotecas não devem ignorar.

Todos os anos numerosos autores iniciam a sua carreira, em parte como resultado da ânsia dos editores por novas publicações. Encontramos a mesma abundância na sucessão de artigos que enchem as páginas dos periódicos. Neste século às vezes parece que o material impresso é cada vez mais atraente, enquanto o seu conteúdo se torna cada vez mais vazio. De que modo poderemos separar o trigo desta quantidade de joio? A meu ver, tornar acessível a enorme oferta de saber e cultura implica deixar as pessoas espreitar por detrás da cortina da indústria da informação, de modo a que possam ser suficientemente críticos para poderem fazer o seu próprio juízo e selecção e conhecer as bases da sua "livre opinião". É aquilo a que chamo "educação pelos media".

No nosso trabalho de pesquisa em Roterdão recorremos frequentemente a contactos e questões colocadas no balcão de informações e cooperamos com os livreiros da nossa cidade.

Como hoje em dia uma grande parte do conhecimento está armazenado em bases de dados, a biblioteca de Roterdão tem, se bem que ainda no início, ligações em linha com bases holandesas e estrangeiras, e tem feito experiências com bases de dados em WORM e CD-ROM. Da experiência prática e da discussão, tornou-se patente que ainda há muito para melhorar em termos de

equipamento, facilidade de operações e conteúdo se quisermos rentabilizá-lo ao máximo. Para já, a sua utilização mantém-se limitada a intermediários e a alguns utilizadores mais persistentes.

Um dos meios de tornar a informação acessível é o catálogo, que já informatizamos. Assim, alguns projectos já nos deram a possibilidade de usar os nossos terminais para introdução directa de títulos no Catálogo Colectivo Holandês. Além disso, podemos consultar os catálogos da Universidade Erasmo, também localizada em Roterdão. Temos ainda várias ligações permanentes a bases de dados de outras bibliotecas e museus, ligando um total de 200 terminais.

Nos nossos dias, as pessoas não estão só interessadas no saber e cultura do passado mas muito especialmente no que está a acontecer aqui e agora, próximo das suas casas. Foi por isso que a biblioteca de Roterdão tornou recentemente disponível um ficheiro de informações locais designado INFRA, que contém todo o tipo de informação sobre o que está a acontecer na cidade, as possibilidades de formação, como montar um negócio, etc. A biblioteca também fornece instalações ao Centro de Auxílio e Informação Municipal, que dá não só informações mas também conselhos e resposta às questões de carácter social postas pelos cidadãos. É um modo de responder às necessidades sociais. Tem sido sempre também política da biblioteca cooperar com outras instituições, por vezes até no mesmo edifício. Assim, também acolhemos um centro de estudos da Universidade Aberta, que pode receber anualmente mais de 4.000 estudantes, para conselhos, consulta e estudo. Damos ainda informações através do nosso departamento de Informação Comercial, que, em estreita colaboração com outros serviços de informação e apoio ao comércio e indústria, está em franco desenvolvimento. Tornar os produtos do saber e da cultura humana acessíveis enchendo prateleiras com livros e outros materiais, introduzindo ficheiros de dados em computador e instalando balcões de informação, é só um modo de pôr as pessoas em contacto com tudo o que os seres humanos alguma vez disseram, pensaram, sentiram e experimentaram.

O que nós, em Roterdão, sempre tivemos em mente para a nossa biblioteca, foi a oferta de um serviço global. As bibliotecas têm de ser o homem dos sete ofícios. Não existe outro lugar onde se possa, enquanto indivíduo, andar tão livremente e fazer a sua própria escolha.

O nosso objectivo tem sido ter uma biblioteca aberta e convidativa, conducente à busca, à aventura, a novas coisas e com respostas às necessidades no domínio da informação, educação, recreio e cultura.

Este tipo de bibliotecas tem diversas funções. Claro que aí se podem pedir materiais emprestados, mas há tantas mais coisas possíveis (o nosso objectivo principal na biblioteca central, vem a propósito dizer, não é tanto aumentar o número de empréstimos mas antes aumentar o número de requisitantes). Procuramos oferecer muitas possibilidades. Isto exige cooperação com outros organismos – a meu ver uma obrigação das bibliotecas – de modo a alcançar objectivos mais ambiciosos e melhor qualidade.

Consideramo-nos com sorte por termos um edifício que oferece, no local, suficiente espaço para ler, estudar, folhear, ler partituras ou, por exemplo, ver exposições. No total, temos cerca de cinquenta exposições, maiores ou mais pequenas, na biblioteca central. Para as vinte bibliotecas anexas, há cerca de duas dúzias de exposições itinerantes por ano. Estas exposições podem, a seu modo, ilustrar aspectos específicos das colecções, obedecer a um tema ou oferecer um assunto interessante. Temos também uma sala de exposições separada, onde várias actividades tiveram lugar no últimos anos. Além do mais, queremos tornar a literatura e a cultura objectos de debate. No Teatro da Biblioteca, com lugar para 200 pessoas, organizamos espectáculos de café-concerto literário, teatro à hora do almoço e espectáculos por actores amadores e semi-profissionais, estes últimos num total de cerca de 70 produções por ano. Há também espectáculos de música e dança que atraem um total de 20.000 visitantes por ano, vindos de todos os sectores e cantos da cidade.

2. Isto traz-me à segunda interpretação do meu tema: a biblioteca como espelho da sociedade.

Ao deambularmos pela biblioteca de Roterdão, não são só as colecções que nos surpreendem, mas também as pessoas.

Todos os anos mais de dois milhões de pessoas passam pela biblioteca. Isso significa cerca de 8.000 por dia. De onde vêm e que fazem elas na biblioteca? De uma população total de 570.000 habitantes em Roterdão, 105.000 pessoas pertencem a minorias étnicas, e este número continua a aumentar. Parte delas são originárias de Surinam (35.000), o resto veio da Turquia, Marrocos e outros países do Sul. Temos já há bastantes anos uma minoria chinesa na Holanda e também em Roterdão. Há também concentrações de Cabo Verdeanos. Roterdão é uma cidade em constante desenvolvimento. Desde a guerra têm sido construídos muitos edifícios novos, e no curso deste processo muitos erros foram cometidos. Isto conduziu à degradação e à delinquência.

Os arquitectos tentam tornar de novo a cidade habitável e para isso têm também uma filosofia: "Não é a busca do estilo e da elegância que devem ser de primeira importância no espaço público mas antes que seja convidativo como local de encontro. Deve ser um lugar que reúne pessoas de origens diferentes. Além de dar vida à cidade, um espaço democrático como este pode contribuir para o seu melhor funcionamento. O conhecimento – mesmo que superficial – da cultura (ou subcultura) uns dos outros evita a alienação."

Após esta citação não é difícil ver a biblioteca pública como uma espécie de espaço público coberto. Todos os dias somos testemunhas do encontro multicolor que tem lugar na Biblioteca de Roterdão, precisamente por causa da enorme diversidade de cultura e origens de cada um. Num espaço aberto há lugar para todos, independentemente das perguntas que têm a fazer ou da natureza das suas pretensões, venham eles para lêr ou estudar, em busca do saber, da fantasia ou seja lá pelo que fôr.

Se pararmos para observar, podemos ver o seguinte: pessoas de

diferentes cores entram no edifício, às vezes sozinhas, às vezes com uma criança ou num grupo de crianças, às vezes com o namorado ou a namorada. Alguns estiveram no mercado e deixam as compras num cacifo. Outros trazem pastas, mochilas ou sacolas. Uns trazem na mão um papel e sabem exactamente onde vão. Outros olham à volta durante algum tempo, por vezes como que casualmente, mas depois, subitamente interessados, tiram alguma coisa da estante. Uma visita à biblioteca é um pouco como uma viagem de descoberta. Alguns caminham hesitantes em direcção aos terminais-catálogos, enquanto outros percorrem título após título sem qualquer problema.

Vêm-se utilizadores dirigir-se ao balcão de informações enquanto outros, após terem colocado uma rápida questão, se afastam outra vez. Numa das mesas vê-se uma pilha de livros que um homem examina calmamente; numa outra mesa uma rapariga manuseia uma pasta com documentação. As pessoas folheiam, lêem, tiram notas ou limitam-se a sonhar. Pode-se vê-las a folhear os jornais na sala de periódicos, ou a beberem o seu café no restaurante. Acotovelam-se, apontam para alguma coisa ou continuam o seu caminho através da sala de exposições. A sala de ensaios fervilha de actividade. No piano estão diversas partituras. Na secção infantil um grupo de crianças ouve ler uma história, há cartazes nas paredes que apelam à imaginação. Faz-nos lembrar o tempo, talvez há já muitos anos, em que também nós nos deixávamos dominar completamente pelo feitiço de uma história, a história da nossa própria vida?

É isto o que se vê na biblioteca, todas aquelas pessoas deambulando, perguntando, procurando, amáveis ou mal humoradas, histórias de vidas fantásticas e peculiares.

Poder-se-á encontrar um melhor espelho da sociedade do que a biblioteca? Não é por acaso que a biblioteca considera a ideia de liberdade um parâmetro de importância fundamental. Mas se quer mesmo ser coerente com esse princípio não basta declarar que a biblioteca está aberta a todos. As pessoas têm de se reconhecer a si próprias na biblioteca. Têm de encontrar ali um espelho que os ajude na vida diária, que os inspire a encontrar respostas, a descobrir mais coisas na história da sua vida. Por isso penso que o empréstimo de livros deve estar dentro das nossas perspectivas. Dá boa impressão aos políticos conseguirmos mostrar que uma percentagem de 35% da população frequenta a biblioteca com cerca de 5 milhões de empréstimos. Mas levar livros para casa não significa tanto como isso: será que são realmente lidos? Será que as pessoas os consideram realmente úteis? Talvez nos devessemos interessar um pouco mais profissionalmente por isso. Como funciona todo este processo de tirar um livro da estante, folheá-lo, arrumá-lo de novo ou levá-lo para casa, dar-lhe aí uma vista de olhos ou lê-lo todo, falar sobre ele ou fruí-lo em silêncio? Quais são os efeitos de um livro?

Se soubessemos mais sobre isto teríamos uma ideia mais clara da relevância social do nosso trabalho. Poderíamos satisfazer melhor as necessidades sociais. A nossa biblioteca gostaria de estar aberta aos domingos.

Isso não é o habitual na Holanda. Vamos pôr de lado uma verba para esse fim. A experiência de uma outra cidade no nosso país mostrou-nos que abrir aos domingos satisfaz uma necessidade.

Uma visita à biblioteca, encontrar um bom livro, pode compensar até certo ponto a solidão, o isolamento psicológico, a fossilização e a cegueira ou surdez culturais.

Roterdão sempre prestou atenção aos principais grupos sociais: a juventude, a terceira idade, os participantes em projectos de educação de adultos e as minorias étnicas. O significado da leitura enquanto prática social parece ter entrado de novo num círculo político mais alargado. A promoção da leitura tornou-se num bom artigo e assumiu um importante papel nas bibliotecas. A aceitação e a intervenção sociais, as oportunidades no mercado de trabalho estão intimamente relacionadas com a aptidão linguística: ser capaz de falar, ler e escrever.

Roterdão foi das cidades que sempre insistiram numa política de inovação tendente a minorar estes condicionalismos sociais inaceitáveis e que de facto meteu mãos à obra.

Sob a designação de "inovação social", aquela ideia converteu-se mesmo em política nacional com vista a abolir as diferenças no que respeita ao trabalho, educação e salários, aumentar o acesso aos benefícios sociais em geral e melhorar a qualidade de vida e as condições de habitação. Neste momento estão em curso inúmeros projectos de cooperação, deixando a burocracia o mais possível de lado. As bibliotecas participam num grande número desses projectos, por exemplo proporcionando estágios e empregos às minorias étnicas, oferecendo material para a educação de adultos e prestando serviços especiais à terceira idade. A ideia de "informação à comunidade" está em absoluta consonância com esta política de inovação. Ajuda as pessoas a tornarem-se mais independentes e a defender os seus direitos.

Em Roterdão já percorremos um longo caminho como resultado da cooperação entre a biblioteca e o Centro de Auxílio e Informação da Cidade de Roterdão, que concentra muitos dos serviços municipais da cidade. Até agora a biblioteca tem argumentado que para cada novo grupo social é necessário um orçamento mais elevado. Penso que a biblioteca deve sempre salvaguardar a sua função geral. Intervir num grupo social é uma boa técnica de marketing, mas não devemos assumir compromissos em relação a todos os grupos sociais. Só podemos fazer alguma coisa se nos forem concedidas verbas para o efeito.

Para dar um exemplo, a biblioteca empresta centenas de colecções a escolas e organismos de educação especial e dá-lhes conselhos. Com a ajuda de programas especiais estimula o ensino às minorias étnicas na sua língua materna e elimina desigualdades noutros domínios. A biblioteca colabora em projectos na área da educação de adultos e na eliminação do analfabetismo. Também nos bairros e subúrbios se desenvolvem actividades para as minorias. Lamentavelmente não se conseguiram ainda nenhuns meios financeiros extra para estas tarefas.

Alguns dos elementos de entre o pessoal da biblioteca receberam preparação especial no âmbito da política de actuação junto das minorias. O conhecimento por parte do pessoal sobre outras culturas e os seus hábitos é no fim de contas, essencial para um bom trabalho.

3. Isto leva-me à terceira interpretação: a biblioteca como espelho da sociedade.

Nós, profissionais, encaramos a biblioteca como o nosso campo de acção. Frequentemente também consideramos a biblioteca como o centro do mundo, tal como muitas vezes nos vemos a nós próprios como centro de tudo e agimos de maneira egocêntrica. Com um pouco mais de sentido da relatividade das coisas poderemos ser melhores parceiros. Juntos formamos o mundo da biblioteca. E este mundo por sua vez não espelhará a sociedade? Em Roterdão, pelo menos, é assim. Na biblioteca central e nas anexas estão empregadas 400 pessoas, a maioria delas preparadas e formadas em serviço de bibliotecas; 65% são mulheres e 35% homens. Não é difícil ter uma boa percepção dos problemas sociais, pois eles revelam-se através do próprio pessoal. A organização da biblioteca é um mundo em miniatura. Ela reflecte o modo como as pessoas se relacionam umas com as outras.

É precisamente o auto-conhecimento que temos que procurar em nós próprios, processo que se atinge melhor se formos abertos e comunicativos. A transparência vem primeiro e exige honestidade, a qual implica aceitar aprender com os outros, reconhecer que os outros também podem ter ideias interessantes e talvez até uma melhor visão das coisas.

As flores da sabedoria não florescem na árvore da arrogância. O nosso trabalho é intensivo, exige muito esforço, muitos contactos. Põe-se sempre a questão de qual atitude adoptar: introvertida ou extrovertida? Como reagimos a pessoas, de entre o nosso pessoal, com raízes culturais bem diferentes ou de algum modo especiais. Trabalhamos juntos ou sem qualquer contacto efectivo? Se a biblioteca pretende ser um espaço aberto, que espaço aberto há dentro de nós? E que espaço concedemos aos outros?

A ordem é um aspecto importante na biblioteca. Mas parece-me que cada um inventa as suas pequenas regras e regulamentos e quer manter-se apegado a eles a todo o custo. Também aqui é possível mais lealdade e cooperação, o que beneficiará sempre os nossos clientes, os utilizadores da biblioteca.

Eles não necessitam de sistemas complicados e regras incompreensíveis: precisam é de informação, livros, partituras. Pretendem também obter informações certas sobre os seus autores, compositores, ou sobre um determinado assunto. Por isso ocupemo-nos menos com aspectos menores no que respeita ao catálogo. Ele é um instrumento e não os próprios documentos. O tempo e energia que poupamos podemos aplicá-lo no conteúdo dos documentos. O que é que nós lemos? Quanto e com que frequência? Afinal é daí que nos vem o nosso entusiasmo e conhecimento. Não seria bom admitir pessoal para a biblioteca com diferentes tipos de formação profissional? Formação, por exemplo,

em relações públicas, tecnologia, marketing, gestão de pessoal, etc..

Como a cooperação seria melhor se todos nós não estivessemos sempre convencidos que sabemos mais! Então seria possível economizar, harmonizando a constituição das colecções, recorrendo a serviços combinados, catálogos colectivos, redes informáticas, melhor logística, correcto planeamento e acção perfeita. Em resumo, seríamos capazes de oferecer qualidade e utilidade em troca do investimento. Nós podemos trabalhar com profissionalismo e aplicação. A biblioteca pode reflectir um mundo que, noutros locais, é apenas sonhado.

Porque havemos de esperar tanto pelo paraíso?

Que ele comece na biblioteca, connosco.